

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

VANESKA DE ANDRADE ALVES LACERDA

INTERTEXTUALIDADE NAS CHARGES JORNALÍSTICAS

SÃO PAULO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

VANESKA DE ANDRADE ALVES LACERDA

INTERTEXTUALIDADE NAS CHARGES JORNALÍSTICAS

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título Especialista em Língua Portuguesa, sob orientação da Professora Doutora: Ana Rosa Ferreira Dias.

SÃO PAULO – SP

MARÇO DE 2011

Este trabalho é dedicado a minha família pela extrema paciência, apoio e o amor depositado em mim. A cada um deles, o meu mais carinhoso e sincero obrigada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, e ao meu noivo Henrique Zimmermam que me ajudou a vencer mais essa etapa em minha vida. Um agradecimento especial a Professora Ana Rosa Ferreira Dias pela dedicação e paciência.

“um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual toma posição”

(MAINGUENEAU)

ANDRADE ALVES LACERDA, Vaneska. Intertextualidade nas charges jornalísticas. São Paulo, 2011. Monografia do curso de Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica PUC – SP.

RESUMO

Esta monografia situa-se na linha de pesquisa, leitura, escrita e ensino de Língua Portuguesa do Programa Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e tematiza a intertextualidade nas charges jornalísticas. Fundamentada nos conceitos de Kock, Bentes e Cavalcante (2008), que tem seu foco de estudo voltado para os diversos tipos de intertextualidade. A pesquisa justifica-se pela presença da intertextualidade existente nas charges jornalísticas. Os resultados apontam que a intertextualidade está atrelada à tecitura de textos e a vários contextos.

PALAVRAS-CHAVE: intertextualidade; charge jornalística; análise.

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo I – Apresentação de material de pesquisa	5
Capítulo II – Discutindo conceitos de charge e intertextualidade	10
2.1- A charge	10
2.2- A intertextualidade	11
Capítulo III – Análise do <i>corpus</i>	14
Charge 1. <i>Folha de S.Paulo</i> , 22 de março de 2010.....	15
Charge 2. <i>Folha de S.Paulo</i> , 30 de abril de 2010.....	17
Charge 3. <i>Folha de S.Paulo</i> , 12 de maio de 2010.....	20
Charge 4. <i>Folha de S.Paulo</i> , 15 de maio de 2010.....	22
Charge 5. <i>Folha de S.Paulo</i> , 17 de maio de 2010.....	24
Charge 6. <i>Folha de S.Paulo</i> , 18 de maio de 2010.....	26
Charge 7. <i>Folha de S.Paulo</i> , 20 de maio de 2010.....	27
Conclusão	29
Referências Bibliográficas	31
Anexos	34

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é verificar a presença da intertextualidade nas diferentes charges jornalísticas do jornal a *Folha de S.Paulo* do ano de 2010.

A escolha por esse jornal se deve pelo fato de ser um dos jornais mais vendidos em todo o país e por trazer sempre as charges em seus cadernos.

Durante a pesquisa, podemos perceber que a charge e os outros textos veiculados pelo próprio jornal se relacionam. A relação da charge com o noticiário também aparece no verbete “charge” do Manual geral da redação (*FOLHA DE S.PAULO*, 1987:150). Nele consta que o noticiário diário é a fonte inspiradora para o chargista.

Nos jornais diários, o leitor encontra as charges sempre referentes a fatos que aconteceram no dia anterior ou que vem sendo frequente na mídia. Geralmente a charge vem acompanhada da linguagem verbal, mas às vezes o leitor encontrará um discurso não-verbal, com possibilidades de leituras e interpretações.

Por meio de associações, extrapolando o fato isolado, a intertextualidade se faz necessária para aprofundar a leitura, mesmo porque existe uma ligação necessária entre a charge e os textos jornalísticos anteriores.

Quem é que não passou pela experiência de já ter ouvido antes algo parecido com o que está acabando de ouvir numa conversa ou de já ter lido em outro lugar algo muito semelhante ao que está lendo? Muitas vezes, a semelhança é tamanha, que não se pode explicar por mera coincidência. A verdade é que não se trata de simples coincidência, mas de um verdadeiro diálogo entre textos. Pelas mais variadas razões, o redator de um texto reproduz segmentos de outros autores. O aproveitamento é intencional e assumido de trechos já escritos para enriquecer o

próprio texto. É como se fosse um texto dialogando com o outro, unindo forças, reafirmando algo que já foi dito.

A intertextualidade nas charges jornalísticas fará justamente esse diálogo intencional com outros textos abordados tanto dentro do próprio jornal quanto fora dele. Mesmo quem acompanha as notícias do cotidiano somente pela TV, quando vê a charge sabe exatamente do que se trata, pois é atual.

Como fundamentação teórica nos valeremos dos estudos da Linguística Textual, mais especificamente do estudo da intertextualidade.

A Linguística Textual incorporou o postulado dialógico de Bakhtin (1929), de que um texto (enunciado) não existe nem pode ser avaliado e/ou compreendido isoladamente: ele está sempre em diálogo com outros textos.

O objetivo deste estudo é demonstrar a possibilidade que a charge tem de participar do discurso jornalístico por meio da imagem e da linguagem verbal que esclarece e informa e que às vezes pode estar implícito alguma informação que necessita de conhecimentos prévios para se fazer a reflexão. A charge jornalística se insere no jornal como parte de informação e de opinião, faz uso das formas e circunstâncias da produção da imagem e utilização do humor gráfico como recurso discursivo.

Assim sendo, serão abordados os diversos tipos de intertextualidade, cada uma com características próprias. Será feita uma “conexão” entre a charge e os textos jornalísticos fazendo uma relação “intertextual”, independente do estilo de cada escritor ou chargista, de modo que propicie a construção de sentido por meio de inferência ou de reminiscências.

O leitor assíduo ou “atenado” com as notícias consegue fazer a inferência da charge com o texto fonte. Para KOCH & ELIAS (2009:78):

...identificar a presença de outro(s) texto(s) em uma produção escrita depende e muito do conhecimento do leitor, do seu repertório de leitura. Para o processo de

compreensão e produção de sentido, esse conhecimento é de fundamental importância.

A charge não deixa de ser um jornalismo por meio de um desenho que funciona como uma crítica, denúncia, informação ou até mesmo ironia. Assim como uma notícia, que vem muitas vezes acompanhada de fotos para ilustrar, a charge tem como objetivo “não só ilustrar a notícia, mas também interpretá-la” (ROMUALDO, 2000:12).

No que diz respeito à intertextualidade, Koch & Elias explicam:

... podemos dizer que, enquanto alguns trechos reproduzem o ‘estilo’ do autor do texto fonte, outros trechos se constituem de modo a remeter a passagens deste. Em ambos os casos, no entanto, conhecer o texto-fonte ou modo de constituição é condição necessária para a construção de sentido. (KOCH & ELIAS, 2009, p.85).

Nesse processo de leitura, interpretação e construção de sentido dos textos jornalísticos e chárgicos, podemos perceber o quanto há para serem estudados e pesquisados, por se tratar de textos ricos de significados, conteúdos críticos, irônicos e humorísticos.

Este estudo está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo deste trabalho, apresentamos de forma resumida o surgimento da charge e posteriormente o jornal *Folha de S.Paulo*, assim como os chargistas e por fim a escolha dos temas chárgicos.

No segundo capítulo discutiremos os conceitos teóricos expondo os conceitos de charge e os diversos tipos de intertextualidade e, por último, no terceiro capítulo faremos a análise do material tendo como suporte a fundamentação teórica deste trabalho realizado com base especificamente em Kock, Bentes e Cavalcante. Por fim, apresentação da conclusão, seguida da bibliografia e do anexo.

CAPÍTULO I – APRESENTAÇÃO DE MATERIAL DE PESQUISA

A primeira caricatura brasileira surge somente em 1831¹, com a publicação do “Carcundão”, no estado do Recife. O “Carcundão” teve sua importância porque tinha todos os elementos de uma publicação crítica e ainda um desenho de humor impresso. A caricatura neste jornal não é aceita por todos. Há quem diga que a primeira caricatura publicada no Brasil foi uma charge política de autoria de Manuel de Araújo Porto-Alegre, em 1836 durante o período regencial, sendo lembrado como o pioneiro da caricatura brasileira.

As ilustrações na imprensa brasileira, assim como nos Estados Unidos e na França, foram ganhando espaço lentamente. No início, as charges eram vendidas separadamente, de forma independente, depois passaram a fazer parte de revistas, mas sem ligação com os textos verbais, para finalmente acompanhá-los.

O uso da ilustração acompanhando o texto passa a ser comum, alcançando seu apogeu, que também se deve à chegada dos inventos que permitiam maior facilidade para a reprodução de desenhos. Graças a esses inventos, nos últimos anos do império, o desenho, a caricatura e a charge foram, de forma geral, adotados e incorporados pela imprensa.

Para tratar da questão da intertextualidade foram extraídas algumas charges do jornal *Folha de S.Paulo* devido à pluralidade de textos sobre assuntos de destaques na mídia que possibilitam a reconstrução do contexto por meio das relações intertextuais.

¹. Este tópico baseia-se na pesquisa feita na Folha Online ilustrada acessada em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada>

A *Folha de S.Paulo* (doravante *Folha*) é um dos jornais de maior circulação e mais influente do Brasil. O jornal foi fundado em 19 de fevereiro de 1921 com o nome original de *Folha da Noite* por Olival Costa e Pedro Cunha. ²

Um momento histórico e marcante para a *Folha* foi em 1930 quando apoiou a eleição de Júlio Prestes à presidência da República, sendo por isto depredada e fechada.

O jornal só voltou a funcionar em 1931 com novos donos e nova linha editorial, com o nome Folha da Manhã, voltada para o apoio da agricultura.

Anos mais tarde, o jornal foi vendido e rebatizado de *Folha de S.Paulo*. Foi comprado em 1962 por Carlos Caldeira Filho e Octavio Frias de Oliveira cuja família ainda mantém o controle do jornal. A partir de então, cresceu rapidamente com a aquisição de diversos jornais menores, ajudando-os a diminuir os custos de distribuição.

A *Folha* foi o primeiro jornal brasileiro a apoiar a luta por eleições diretas e cobrindo o movimento das Diretas Já. Foi também pioneiro no Brasil na instalação de computadores e informatização da redação. Em 1989 a *Folha* tornou-se o primeiro jornal latino-americano a contratar um *ombudsman*, uma espécie de ouvidor que anotava as críticas e opiniões dos leitores. Ainda nesta mesma década, o jornal foi pioneiro na adoção de infográficos e quadros que explicam, de maneira didática, os detalhes das principais notícias e o contexto das mesmas.

No início da década de 1990, a *Folha* começou a investir na criação de novos produtos e suplementos dentro do jornal, como a *Revista da Folha*, o caderno *Folhateen* e a *TV Folha*.

². Sobre a fundação da Folha, conferir em: http://pt.wikipedia.org/wiki/folha_de_s_paulo.

Sobre os dados de circulação, o IVC (Instituto Verificador de Circulação) (2009), a *Folha de S.Paulo* lidera, consta que a média da *Folha* é de 295 mil exemplares. Em seguida vem *Super Notícia* (289 mil), *O Globo* (257mil) e *Extra* (248mil). O jornal *O*

Estado de S.Paulo fica em quinto lugar, com 213 mil, à frente do *Meia Hora* (186 mil), do *Zero Hora* (183 mil), *Correio do Povo* (155 mil), *Diário Gaúcho* (147 mil) e *Lance* (125 mil).³

Os leitores consideram a *Folha* um jornal crítico com os governantes, pluralista, equilibrado e imparcial.

Considerado um jornal de elite, pois seu público alvo são pessoas pertencentes às classes A e B, o leitor da *Folha* mantém a característica de ser uma pessoa de alto padrão de renda e de escolaridade, e que possui uma visão mais liberal da sociedade.⁴

Optamos por três chargistas da *Folha de S.Paulo* como: Angeli, Benett e Jean que têm espaço para publicação diária ou semanal de charges.

Arnaldo Angeli Filho é um dos mais conhecidos chargistas brasileiros. Começou a trabalhar aos catorze anos na revista *Senhor*. Em 1973 foi contratado pelo jornal *Folha de São Paulo*, onde continua até hoje. Lançou em 1983 a revista “*Chiclete com Banana*”, um sucesso editorial altamente influente e que contava com a colaboração de nomes com Luiz Gê, Glauco, Roberto Paiva, Glauco Mattoso e Laerte Coutinho. A *Chiclete com Banana* é considerada até hoje como uma das mais importantes publicações de quadrinhos adultos já editadas no Brasil.⁵

Angeli já teve suas tiras publicadas na Alemanha, França, Itália, Espanha e Argentina, mas foi no mercado de Portugal que obteve mais destaque.

³. Dados disponíveis em: <http://portalimprensa.uol.com.br/portal/ultimasnoticias>.

⁴. Pesquisa disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/quem_e_o_leitor.shtml.

⁵. A pesquisa sobre Angeli está em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/angeli>.

O chargista Alberto Benett foi vencedor, em 2006, do 32º Salão Internacional de Humor de Piracicaba (um dos eventos mais tradicionais do gênero no país, que já revelou talentos como os cartunistas Laerte, Angeli e Glauco). Benett comemorou

dez anos de carreira em 2009 e tem as suas charges publicadas na *Gazeta do Povo* (Curitiba) desde 2001 e faz humor com o noticiário de política na página de opinião da *Folha de S.Paulo*.⁶

Jean Galvão é o criador das Animatiras da revista *Recreio* da *Editora Abril*. Começou a trabalhar com desenho em 1988 no Sindicato dos Químicos de Jacareí. Em 1993 entrou no jornal diário *Vale Paraibano* para fazer charges, e ficou lá até 1999, quando participou de um concurso nacional da *Folha*, e ganhou o primeiro lugar em charge. O prêmio era para publicar por três meses. Foi contrato e está lá há mais de dez anos.⁷

Elegemos aleatoriamente algumas charges desses autores, publicadas em 2010. Não nos deteremos em nenhum chargista em especial, caracterizando seu estilo. Pensamos a charge enquanto um texto jornalístico que se relaciona intertextualmente com outros textos, independente do estilo próprio de cada chargista.

Serão analisadas sete charges desses autores que foram selecionadas por tratarem de assuntos atuais e de campos semânticos diferenciados na mídia no ano de 2010 como a pedofilia, a Copa do Mundo e a campanha eleitoral para presidente.

A proposta deste estudo é fazer a comparação entre as formas de expressão da intertextualidade adotada pelos três autores em suas charges. O leitor do texto chárstico tem que estar bem informado acerca do tema abordado, para que possa compreender e captar seu teor crítico.

6. Sobre Alberto Benett encontra-se disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo>.

7. Conferir em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_Galvao.

Devido a crítica e a denúncia feita pela charge, elas acabam tendo um papel social e ideológico. Apresentadas de forma inusitada, as charges ganharam grande

popularidade e isso fez com que elas tivessem seu espaço garantido em muitos jornais e revistas até os tempos de hoje.

CAPÍTULO II – CONCEITOS DE CHARGE E INTERTEXTUALIDADE

2.1 – A charge

O conteúdo humorístico da charge é eminentemente crítico e interpretativo. Pela possibilidade de sintetizar uma situação pode às vezes ter a importância de um editorial. “O termo *charge* tem origem do francês *charger*, com o sentido de carregar, exagerar. Embora ainda permaneça essa conceituação sobre o desenho político, o termo *charge* entrou em desuso, mesmo na França”. (FONSECA, 1999, p.26).

Charge é a representação pictórica, de caráter burlesco e caricatural, em que se satiriza um fato específico, em geral de caráter político e que seja do conhecimento público. Por ser crítico de um fato isolado, a charge pode ser enquadrada dentro do campo da caricatura. Pode ser considerada como a arte de caracterizar.

Seu objetivo é uma crítica humorística ou de um fato ou acontecimento específico. É a reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a ótica do chargista. Tanto se apresenta somente por meio de imagens quanto combinando imagem e texto. Sua ocorrência opera em cima de fatos reais e o conhecimento prévio do tema abordado na charge, por parte do leitor, é fator essencial para compreendê-la. Nas palavras de Cagnin,

Cabe à charge expor uma ideia, dissertar sobre um tema, pois ainda que esteja ligada a um fato ou acontecimento e o represente de alguma forma, sua preocupação ou a do chargista, não é o acontecimento, mas o conceito que se faz dele, ou mais comumente a crítica, a denúncia do fato. Isso quando não procura aliciar o leitor para seus arrazoados, princípios, programas ou ideologia. (CAGNIN, s/d, p.4).

E para Miani,

Uma outra qualidade da charge é a de constituir-se como instrumento de persuasão (...), intervindo no processo de definições políticas e ideológicas do receptor, através da sedução pelo humor e criando um sentimento de adesão que pode culminar num processo de mobilização. (MIANI, 2000, p.64).

Importante, contudo, é frisar como fez Agostinho (1993: 229), que com relação à função social atribuídos à charge, (*esta*) não pretende apenas distrair, mas, ao contrário, alertar, denunciar, coibir e levar à reflexão.

A charge é uma fusão de desenho e palavras que se utiliza de várias manobras para provocar a simpatia do leitor e ganhar assim a sua confiança. O chargista consegue por meio de imagens e diálogos, seduzir o seu público e garantir de alguma forma a denúncia de um fato, de modo menos agressivo, utilizando-se da ferramenta mais branda, o humor, e assim estabelecer a sua crítica.

A charge relata um fato ocorrido em uma época definida, dentro de um determinado contexto cultural, econômico e social específico e que depende do conhecimento desses fatores para ser entendida. Fora desse contexto ela provavelmente perderá sua força comunicativa, sendo assim esquecida. No entanto, a charge possui um perfil histórico, ela deixa registrada no jornal a sua crítica.

2.2 – A intertextualidade

Outro conceito a ser trabalhado, juntamente com a charge, é o que se diz respeito à intertextualidade, já que será feito o estudo do encontro desses dois conceitos.

A intertextualidade é a relação entre dois textos caracterizada por um citar o outro. Ela está sempre em diálogo com outros textos, nunca isoladamente. Segundo Bakhtin (*apud Koch.et al. 2008:16*):

... o texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo. Enfatizamos que esse contato é um contato dialógico entre textos... por trás desse contato de personalidades e não de coisas.

Por isso, temos o objetivo de estabelecer critérios claros para a comparação entre os textos selecionados e identificar suas semelhança e diferenças na forma de expressão da intertextualidade, pois ela pode se manifestar de formas diferenciadas e produzir efeitos de sentido também diversos, cada qual com características próprias. São elas:

- **Intertextualidade temática** é quando os temas são partilhados numa mesma corrente de pensamento ou numa mesma área de conhecimento. Servem de conceitos e terminologia próprios, já conhecidos dentro da corrente teórica.
- **Intertextualidade estilística** ocorre quando um texto é imitado ou parodiado. É comum em textos que reproduzem a linguagem bíblica, um jargão, um dialeto ou o estilo de um determinado gênero, autor ou segmento da sociedade.
- **Intertextualidade explícita** é feita menção à fonte do intertexto, um texto ou um fragmento é citado e atribuído o enunciador.
- **Intertextualidade implícita** quando não há menção da fonte, o produtor do texto espera que o leitor seja capaz de reconhecer a presença do intertexto.
- **O détournement** é quando o texto possui marcas linguísticas que são facilmente captadas pelo leitor. Ele geralmente mantém o texto no original para argumentar a partir dele e para dar outro sentido diferente do sentido

original. De qualquer forma, o objetivo é fazer o interlocutor construir um novo sentido do texto fonte.

- **Intertextualidade intergenérica** é quando no lugar de um determinado texto se apresenta um outro gênero textual descrito de modo a produzir efeitos de sentido com mais flexibilidade. Quando um gênero exerce a função de outro, o produtor do texto conta com o conhecimento prévio de seu leitor para que se estabeleça comunicação e a interação. É comum a presença da intertextualidade intergenérica no uso de fábulas, contos infantis, cartas etc. A intergenericidade é o fenômeno composicional híbrido de um gênero com determinada forma, porém função de outro.
- **Intertextualidade tipológica** decorre do fato de se poder depreender, entre determinadas sequências ou tipos textuais, um conjunto de características comuns. Cada gênero elege uma ou mais sequências para a sua constituição, e é através do reconhecimento destas que o leitor define o gênero a que está exposto e de que maneira deve decodificar o respectivo texto. (cf. Koch et al. 2008)

Sendo assim, todas as charges serão analisadas contando com a presença de outros textos para que o objetivo de análise intertextual seja cumprido.

CAPÍTULO III – ANÁLISE DO CORPUS

Percebemos a presença da intertextualidade quando em algum momento o texto apresenta uma situação ou apenas algum detalhe que nos remete lembranças de já ter visto ou lido algo muito parecido. Conseguimos perceber isso ativando o

nosso conhecimento de mundo. Em alguns casos, pode não ocorrer com tanta espontaneidade, mas pode existir alguma reminiscência que sutilmente as coisas vão ganhando forma, e enfim, o leitor consegue fazer a intertextualidade. Caso isso não ocorra, a compreensão do texto não será feita inteiramente e o texto não terá cumprido a sua proposta, não terá atingido o seu verdadeiro objetivo que é de passar uma crítica.

Serão apresentados vários tipos de charges, de diferentes autorias, para que possamos perceber a presença da intertextualidade em cada uma das charges apresentadas, conforme já explicitadas anteriormente, verificando que o texto não age isoladamente e conta com a ajuda de outros textos para que se firme e confirme sua significação, para que a ancoragem seja feita da melhor maneira possível.

Charge 1

FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ★ ★ ★

Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.
Al. Barão de Limeira, 425, Campos Elíseos, CEP 01202-900, São Paulo, SP

Presidente: LUIZ FRIAS

Diretor Editorial: OTAVIO FRIAS FILHO

Superintendentes: ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MENDES E JUDITH BRITO

Editor-executivo: SÉRGIO DÁVILA

Conselho Editorial: ROGÉRIO CÉZAR DE CERQUEIRA LEITE, MARCELO COELHO, JANO DE FREITAS, GILBERTO DIMENSTEIN, CLÓVIS ROSSI, CARLOS HEITOR CONTI, CELSO PINTO, ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MENDES, LUIZ FRIAS E OTAVIO FRIAS FILHO (secretário)

Diretoria-executiva: ANTONIO CARLOS DE MOURA (comercial), ADALBERTO FERNANDES (industrial/tecnologia), MURILLO BUSSAB (circulação), MARCELO MACHADO GONÇALVES (financeiro) e MIGUEL LONGO JUNIOR (planejamento)

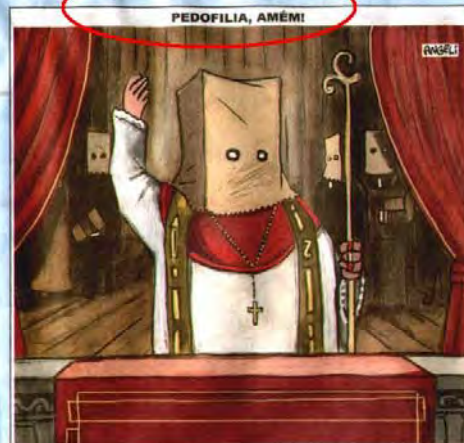
Editoriais

editoriais@uol.com.br

Contas erradas

Embora correto, bloqueio de gastos do Orçamento evidencia práticas pouco recomendáveis na gestão de recursos públicos

pansão da economia. O próprio governo, na reavaliação das receitas, estima um crescimento do PIB em 2010 mais elevado -5,2%, contra 5% previstos na Lei Orçamentária aprovada. Também a inflação esperada para o ano foi revista, passando de 4,5% para 5%.



FERNANDO DE BARROS E SILVA

Um quixote no PT

SÃO PAULO - Como não deu certo a patética manobra para fazer de Ciro Gomes o candidato ao governo de São Paulo apoiado pelo PT, Lula apontou o dedo para Aloizio Mercadante. Nunca o partido serviu de modo tão escancarado aos caprichos de seu líder autocrático. A chapa está definida: Mercadante para o

riando a decisão do partido de boicotá-la. Delúbrio Soares, em represália, o retirou da chapa que concorria ao Diretório Nacional.

No ano passado, Suplicy apresentou o cartão vermelho a José Sarney na tribuna do Senado. Duas horas depois, encontrou o então presidente do PT, Ricardo Berzoini, que

MARINA SILVA

Dia da vida

SEM ÁGUA não existe vida, saúde ou desenvolvimento sustentável. Se a água for tratada e mal gerida, pode ser fonte de doença e desigualdade social a cada ano que passa, tornando maior o complexo desafio para o homem tratar da questão da água em um cenário de industrialização, de urbanização e de mudanças climáticas.

Todos os cenários vislumbrados para o Brasil, no âmbito das mudanças climáticas, apontam para a alteração do padrão de chuvas por ano. Avaliando-se o que já acontece hoje em todas as regiões do país, de se esperar que aumentem os efeitos desastrosos desses fenômenos naturais.

Historicamente, temos tratado a água como um recurso inesgotável. Embora vivamos em um planeta cuja superfície é ocupada por cerca de dois terços de água, esquecemos que apenas 0,09% dessa água pode ser aproveitada para consumo humano. E há uma parte significativa que já foi poluída ou degradada.

Charge 1. Folha de S. Paulo, 22 de março de 2010.

A charge acima publicada na *Folha de S. Paulo* de 22/03/10 faz uma crítica à igreja católica. A imagem sob o título: "Pedofilia, amém", do chargista Angeli, mostra uma alusão à figura de um padre ou do próprio Papa Bento XVI se escondendo sob um saco de papel com dois furos na altura dos olhos e ao fundo "sacerdotes" ou até mesmo outros "padres" com o mesmo saco de papel encobrindo a face.

A igreja católica estava passando por um momento muito difícil onde começaram a surgir várias denúncias de ex-coroinhas contra a instituição, acusando-a de abuso sexual durante o período religioso provocado por padres.

A charge pode ser interpretada de duas formas diferentes: a primeira, com menos força do que a segunda, devido ao caráter crítico da charge, é a de que o saco na cabeça parte do princípio de que os padres estejam envergonhados ou escondendo-se, a intertextualidade neste caso é implícita.

No dia seguinte, na coluna publicada na própria *Folha* do dia 23/03/2010 pelo articulista João Pereira Coutinho, “Padres e Pedófilos”, o escritor mostra sua crítica as pessoas que se diziam indignadas pela descoberta de abusos sofridos dentro da igreja católica. Ele diz que “escândalos existem em todo o lado e em todas as denominações religiosas” independente de ser católico ou não e que autoridades eclesiásticas falharam na detecção ou denúncia dos mesmos, mas que não devemos vendiar os olhos para a realidade de que isso não diz respeito somente à igreja e sim a diversos outros componentes que fazem parte dessa lista de abuso como pais, padrastos, tios, irmãos e etc. O próprio escritor diz que “devemos separar a histeria anticatólica da verdade criminal”, enfim, não devemos “generalizar”.

O escritor cita também a coragem e a dignidade com que o Papa Bento XVI tratou do assunto escrevendo uma carta ao clérigo irlandês, condenando os abusadores, pedindo perdão às vítimas e “esperando que a justiça faça o seu caminho”.

Após ler o texto jornalístico no dia seguinte, criamos mentalmente um duplo sentido em relação à charge publicada anteriormente:

“Padres envergonhados com o escândalo sofrido pela igreja”.

ou

“Padres escondendo-se para não serem reconhecidos por seus ex-coroinhas”.

Analisamos a primeira parte que foi a imagem em si, agora estudaremos a segunda forma de a charge ser interpretada, pela parte escrita: “Pedofilia, amém!”, que abre a possibilidade da igreja ser conivente com a pedofilia, a palavra escrita ganha força e percebemos a existência da intertextualidade do tipo *détournement*.

A palavra “amém” significa “assim seja” então dá a entender que a igreja aprova esse tipo de crime, que há consentimento de boa parte dos padres e que a igreja está concordando, dizendo amém a todo esse abuso.

Verificamos também que uma oração pode ser um pedido ou uma proteção, neste caso da charge pode ser ambos, pois os padres podem estar suplicando para que esses abusos continuem, sem serem desmascarados ou proteção para que nada de mal aconteça a eles, que seus crimes sejam encobertos pela igreja.

A charge muitas vezes desempenha um papel crítico, de denúncia, e o faz por meio do humor.

Charge 2

A próxima charge a ser trabalhada é também da *Folha de S.Paulo* e foi publicada no dia 30/04/2010. A charge foi intitulada “A febre das figurinhas da Copa” e o texto jornalístico foi publicado no mesmo dia e na mesma página intitulado “*Lula, the guy*”.

O texto jornalístico trata do nome do presidente brasileiro ter aparecido em uma lista de uma revista americana conhecida mundialmente a “*TIME*”, considerado em primeiro lugar como o líder mais influente do planeta, causando certa indignação por parte do colunista, Fernando de Barros e Silva, e de pessoas críticas.

A charge está sendo colocada junto ao texto, justamente para se fazer a inferência e provar que muitas vezes a charge tem relação com o noticiário, os textos veiculados pelo próprio jornal se interrelacionam. O leitor pode fazer tanto as interpretações como as relações de formas diversas.



FERNANDO DE BARROS E SILVA

Lula, the guy

SÃO PAULO - Lula, escolhido o líder mais influente do planeta pela "Time"? Havia ontem uma intensa discussão a respeito do lugar que foi destinado ao presidente brasileiro. Seria mesmo "o primeirão"? Ou era apenas um dos "25 eleitos" pela publicação americana na categoria "líderes"? Conforme a própria revista depois esclareceu, essa última interpretação é a mais correta.

Mas, afinal, que diferença faz? A discussão serviu apenas para pôr em relevo o aspecto frívolo e bizantino da própria lista. Ela diz menos sobre as personalidades que supostamente ilumina do que sobre as taras e misérias de um mundo que precisa a todo instante se reconhecer no espelho das celebridades que fabrica. Todo ranking, no fundo, é só uma forma de alimentar o bovarismo da sociedade do espetáculo.

A lista é tola, mas não significa que seja "arbitrária". Já houve coisas muito piores. Na década de 70, a própria "Time" fez uma relação de quem seriam os 150 líderes mundiais no fim do milênio. Brasileiros?

Havia dois. Um era o então deputado Célio Borja. O outro, o ministro da Agricultura de Ernesto Geisel, Alysson Paulinelli. Sim, acredite.

O caso de Lula é evidentemente distinto. Um líder operário que chega à Presidência de um país como o Brasil e no final do mandato reúne mais de 70% de aprovação popular.

No perfil que escreveu do petista, o documentarista Michael Moore diz platitudes, mas é certo ao afirmar: "O que Lula quer para o Brasil é o que nós costumávamos chamar de sonho americano".

Um mundo de consumidores banais e felizes. Uma sociedade remediada na sua selvageria pela força integradora do dinheiro. Do socialismo, nem o cadáver. Esse é o horizonte em que se movem Lula e sua utopia mundana. Moore viu o que muito petista ainda não entendeu.

Pelos prêmios já acumulados e pelo conjunto da obra, a "Time" deveria ter incluído Lula na lista dos "artistas". E Dunga talvez esteja pensando se não há um lugarzinho para "o cara" na sua seleção.

O escritor relaciona a popularidade do presidente com a dos jogadores de futebol convocados para a Copa. Ele também relaciona a palavra estrangeira “*the guy*” com o trecho “o cara na seleção de Dunga” e faz um trocadilho da palavra **time** (grupo de atletas que constituem uma equipe) com a palavra do nome da revista americana “**Time**”.

Por um lado a indignação de um escritor e por outro a ilustração cômica do chargista BENETT na representação da fala da caricatura do presidente dizendo a duas crianças colecionadoras de figurinhas da Copa: “Como assim, não tem esse tal de Lula?”.

Podemos perceber a relação que existe em falas como: “você é uma figurinha importante”, ou seja, que o presidente é um “cara” ou uma “figura” importante. Também podemos dizer que como pode o nome do presidente constar na revista americana “**TIME**” e não na revista da Copa como um dos integrantes do **time** da seleção brasileira? Isso é uma empáfia!

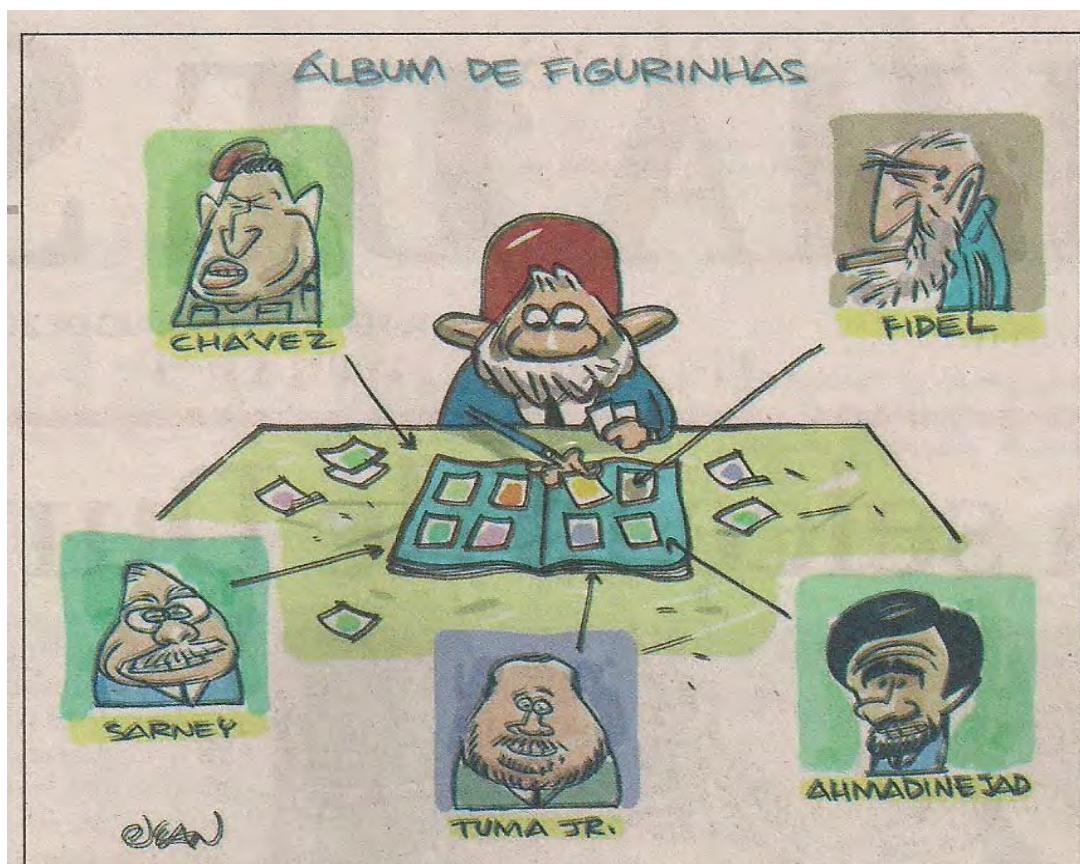
Percebemos a intertextualidade quando o texto apresenta algum tipo de componente ou situação que reconhecemos porque faz parte do nosso conhecimento. Mas, nem sempre conseguimos fazer isso de maneira espontânea, pois há alguns textos que ocultam algumas informações porque o escritor pressupõe que seja do conhecimento do leitor o que chamamos de **intertextualidade implícita**.

A intertextualidade implícita ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto (cf. KOCH, 1991, 1997 a e b, 2004). Caso isso não ocorra “estará prejudicada a construção do sentido” (KOCH. et al. 2008, p.31).

Em alguns trechos fica evidente a passagem que o chargista quer se remeter. Com certeza facilita e muito aquele leitor que é assíduo, pois ele consegue identificar com

muito mais precisão e destreza as várias possibilidades de interpretação de um texto. Neste caso, temos a intertextualidade implícita, pois se espera que o leitor seja capaz de fazer a inferência.

Charge 3



Charge 3. Folha de S.Paulo, 12 de maio de 2010.

A charge acima do dia 12 de maio, do cartunista Jean, faz também a intertextualidade relacionada com o álbum de figurinhas da copa. Traz o presidente Lula completando-o com os seus aliados políticos. Assim como o álbum de figurinhas contém jogadores do mundo todo, esse “álbum político” traz alguns líderes internacionais como Fidel Castro de Cuba, Ahmadinejad presidente iraniano, Hugo Chávez presidente venezuelano e outros representantes brasileiros como José

Sarney presidente por quatro vezes do senado e Tuma Jr. Delegado do departamento da polícia federal.

Enquanto todas essas figurinhas estão sendo coladas, dá a impressão de uma convocação para um time ou quem sabe é como se o presidente estivesse escalando a sua própria seleção. A intertextualidade sugere várias interpretações, pois a todo o momento podemos fazer comparações de acordo com o assunto. Neste caso a intertextualidade é temática, pois aponta para personagens de uma mesma corrente de pensamento, são ditadores, pessoas comprometidas, não bem vistas como Chávez, Fidel e Ahmadinejad.

Tuma Jr. envolvido em vários escândalos que nunca deram em nada, sendo intocável pela própria justiça; José Sarney presidente do senado pela quarta vez é visto como déspota, pois não sai mais do seu posto, sendo assim considerados todos ditadores.

Lula gostaria de assumir o mandato da presidência pela terceira vez, mas a lei é bem clara, o presidente pode cumprir somente até dois mandatos consecutivos. A mídia em geral especula o interesse de Lula retornar a presidência, pois pesquisas apontam que a candidata Dilma Rousseff será a nova presidente e isso faz com que propicie no término do mandato da então presidente, possibilidades de Lula candidatar-se novamente e ocupar seu antigo posto.

O jornal leva o leitor a conhecer diferentes posturas ideológicas diante de um fato. Faz uma suposição do hoje para o futuro, aborda diversos assuntos e leva-nos a aprender a pensar de modo crítico sobre o que lê.

Charge 4



Charge 4. Folha de S.Paulo, 15 de maio de 2010.

A troca de camisa no final de um jogo é sinal de respeito e admiração de um pelo outro. A camiseta do Brasil simboliza também que aqui é o país do futebol, enquanto que o uniforme de proteção radioativo simboliza a forte intenção do Irã com agentes químicos, altamente perigosos, como o interesse pela fabricação de uma bomba nuclear.

Novamente é feita a intertextualidade com copa do mundo e interesses políticos. Temos nesta charge do dia 15 de maio, do chargista Jean, a intertextualidade explícita, pois ficam evidentes os interesses de ambos. Tendo em vista o texto, percebe-se que Lula quis causar boa impressão e cordialidade, recepcionando o

então presidente iraniano, enquanto Ahmadinejad aproveita-se da situação para que Lula o apóie em seu programa nuclear.

O assunto sobre a intenção de que o Irã queria fabricar a bomba atômica causou verdadeiro pavor em vários países, principalmente nos Estados Unidos. A visita do presidente iraniano ao Brasil seria para tratar de acordos de cooperação em áreas como cultura, agricultura, tecnologia, energia e mercado financeiro. O governo iraniano demonstra apreço a Lula, visto como um aliado fiel. Essas parcerias são vistas com certo temor mundialmente por não saberem verdadeiramente as intenções. O governo iraniano diz ter um programa nuclear pacífico sem estoques suficientes para fabricar uma bomba atômica, mas para qualquer efeito é preciso manter-se atentos a tudo que está acontecendo no Irã.

O semblante de Lula na figura demonstra uma indignação, foi pego de surpresa pelo presente. Os olhos arregalados, os dentes cerrados e a cara de espanto, são características totalmente diferentes do primeiro quadrinho.

Charge 5



Charge 5. Folha de S.Paulo, 17 de maio de 2010.

O presidente Lula havia comparado Dilma Rousseff a Nelson Mandela no programa de TV do PT, quinta-feira (13/05/10). Na reportagem de Fernando de Barros e Silva feita na *Folha de S.Paulo* do dia 15/05/10 (*vide anexo*), o repórter diz que “Mandela virou um dos maiores símbolos da paz e união no mundo” e que Dilma não merece essa comparação, pois “nunca fez nada que merecesse registro histórico até que Lula a retirasse do anonimato para inventá-la como candidata”.

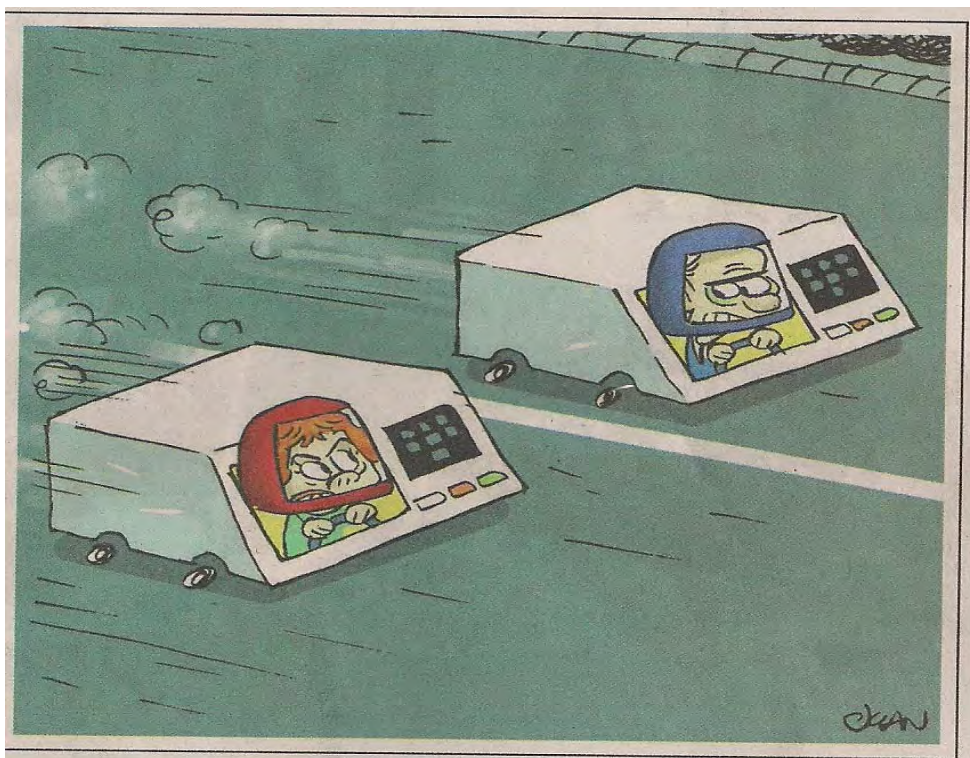
Esta charge de Angeli é do dia 17 de maio e a intertextualidade aqui fica bem evidente por meio dos nomes acrescentados ao de Dilma. Com apoio no texto, infere-se que as várias personalidades como Mandela, Che Guevara, Madre Tereza de Calcutá, Elvis Presley, Brigitte Bardot, Bob Marley, John Lennon e Chapolin Colorado são um pouco de Dilma. A imagem sugere que a candidata é bem eclética e que o eleitor terá a oportunidade de eleger um presidente que tenha a sua cara, o

seu perfil e que apóie sua causa. O eleitor poderá se identificar com ela seja ele jovem, religioso, adulto ou até mesmo um pouco infantil. O humor também aparece na última imagem “Dilma Standard”, ou seja, “Dilma por ela mesma”.

O chargista insinua que a candidata agradará aos mais variados gostos e que se adéqua a todo e qualquer perfil de seu eleitor. Ou que Lula poderá compará-la a tantas outras personalidades em busca de votos. Enfim, a charge oferece várias interpretações, ela não é dada pronta ao leitor, por isso se faz necessário um leitor crítico, temos então a intertextualidade implícita.

Os jornalistas selecionam os dados, os chargistas recortam os fatos de um contexto e os reconstróem em outro que seria o do humor. Na charge é impressa a visão que ele tem sobre a situação noticiada. É preciso que o leitor conheça o percurso da informação para que se possa fazer a inferência, pois todo texto jornalístico não é totalmente parcial. Daí porque Ciro Marcondes Filho (1986) afirma que o jornalismo “não é neutro nem objetivo”. Cabe ao leitor trazer para a leitura do jornal a sua familiaridade com o texto, sua visão crítica e conhecer a postura ideológica do jornal.

Charge 6



Charge 6. Folha de S.Paulo, 18 de maio de 2010.

É interessante saber que a intertextualidade se faz presente tanto num texto verbal quanto não verbal. Nesta charge do dia 18 de maio, do chargista Jean, percebemos que o texto não verbal é bastante ilustrativo, pois fala por si mesmo e não precisa ter um conhecimento tão apurado sobre o assunto, fica evidente a presença da intertextualidade explícita.

A intertextualidade explícita com a Fórmula 1 e a corrida eleitoral se faz muito cômico, mesmo porque a todo momento as pesquisas alertavam para uma aproximação do candidato Serra a candidata Dilma, então a corrida eleitoral estava apertada. As urnas eletrônicas representando os carros de Fórmula 1 a toda velocidade para o segundo turno, a cor dos capacetes representando as cores do partido e a disputa acirrada para a conquista da presidência da república, tudo isso garantiu o contato mais próximo ao assunto abordado pela charge.

Charge 7

A intertextualidade da próxima charge do dia 20 de maio do chargista Benett, dialoga com três passagens bíblicas que foram parodiadas. Verificaremos em cada um dos quadrinhos a presença da intertextualidade estilística.



Charge 7. Folha de S.Paulo, 20 de maio de 2010.

No primeiro quadrinho aparece o presidente Lula separando o mar, passagem essa citada na bíblia falando sobre a fuga de Moisés e dos judeus do Egito que separou o Mar Vermelho para fugir do exército do faraó.

No segundo quadrinho Lula aparece caminhando sobre as águas e assobiando como se fosse a coisa mais natural e simples do mundo. A intertextualidade estilística é feita com a passagem bíblica que diz que Jesus Cristo havia andado sobre o mar para provar a sua fé.

No terceiro quadrinho o presidente multiplica os peixes como se fosse um passe de mágica. Também diz respeito a uma passagem bíblica feita por Jesus Cristo num momento em que estava sendo seguido por uma multidão de fiéis e que já estava faminta, fez multiplicar não somente os peixes como o pão.

E por último, no quarto quadrinho ele manifesta a sua dificuldade em não fazer propaganda eleitoral fora do tempo. Toda sequência dos quadrinhos fornece pistas de que o presidente tem feito verdadeiros milagres, mas se manter longe de fazer campanha a sua candidata, isso seria algo impossível.

A denúncia de ato de campanha eleitoral antecipada foi feita contra o presidente Lula, pois ele se antecipou e começou antes da hora a fazer campanha a favor da candidata Dilma Rousseff. Foi dito que quem descumprisse essa determinação, poderia ter que pagar uma multa. O presidente pareceu não se abalar muito com tudo isso e demonstrava-se incapaz de cumprir com o pedido do TSE.

O chargista então se aproveitou da situação para criar a charge e o texto possibilita o entendimento de que para o presidente se manter quieto, longe de toda a campanha a princípio seria muito difícil, ou como foi colocado pelo chargista Benett “um milagre”.

É muito importante o leitor tomar contato com o assunto, observar como o texto está articulado para se fazer uma reflexão mais apurada. A linguagem utilizada na charge pode mudar o sentido de uma notícia, conforme a escolha que se faz das palavras que as compõem. A charge dá a versão de um fato e cada chargista utiliza-se de sua criatividade para criar a imagem, cabendo ao leitor levantar hipóteses sobre os efeitos causados por cada uma das charges através da carga semântica de certas palavras. O aspecto visual serve não somente para ilustrar como para facilitar a compreensão.

Conclusão

A análise do *corpus* escolhido revela que a expressão da intertextualidade nas charges jornalísticas publicadas no jornal Folha de S.Paulo explora de forma diferente as relações intertextuais para construir argumentação e significado. Todos os textos apresentam, em maior ou menor grau, relações intertextuais com outros textos, em geral com a produção de pessoas que estejam em evidência na mídia no momento.

Cada chargista tem uma forma característica de dialogar com os textos, por meio do seu trabalho com a linguagem verbal e não verbal, ele cria seu estilo próprio para questionar, ridicularizar e interpretar.

Cabe ao leitor a participação no processo de leitura da charge jornalística, pois ela não deve ser interpretada de uma única forma. Todo o processo interpretativo e de atribuição de significados vai além do chargista, cabendo aos leitores dar sentido aos textos. Nesse momento de reflexão é importante a visão de mundo, a ativação dos saberes adquiridos durante todo o processo de leitura. O autor Marcondes Filho (1986) diz que “o leitor como o jornalista, traz para a leitura do jornal a sua formação específica, as suas experiências, a sua visão de mundo, os seus objetivos ao ler o jornal”.

A charge é o complemento visual do texto, ela relaciona o texto com a ilustração, é um diálogo complementar entre duas linguagens. A charge acrescenta informações e significados sobre o texto, ela está presente na maioria das produções textuais e no nosso cotidiano e, mesmo que não tenhamos consciência, ela faz parte e influencia o que falamos, escrevemos, lemos ou pensamos.

A utilização da charge jornalística serve para complementar a informação textual. A charge dialoga com o texto, é uma forma de linguagem materializada pela palavra escrita e pelo desenho, onde há um conteúdo interpretativo. A interpretação das charges não precisa ser fixa, o chargista resume uma notícia em um desenho dotado de significado capaz de transmitir diferentes conceitos. Devemos ter em conta que os dois universos discursivos, isto é, o verbal e o não verbal, não são excludentes. Interagem, dialogando entre si. É travado um diálogo com o próprio texto que ocupa apenas o lugar de complemento da imagem, onde algumas linhas são suficientes para o entendimento.

O diálogo entre os textos, o “velado” *versus* o “revelado”, o “implícito” e o “explícito”, tudo isso vai ao encontro da intertextualidade. A charge desperta curiosidade para o texto, pois diariamente os leitores se deparam com grande volume de informações textuais sobre os mais variados temas. As charges atuam como informação, veiculam opiniões e representam forma alternativa de como encarar os fatos expostos nas matérias dos jornais fazendo uso do humor e da crítica.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Aucione Torres. *A charge*. São Paulo, ECA/USP, 1993 (tese doutorado).

CAGNIN, Antônio Luiz. *Carões, caras e caretas: salão de humor e de outros humores*. texto inédito: s/d.

FOLHA DE S.PAULO. *Manual geral da redação*. 2. ed. São Paulo, 1987

FONSECA, Joaquim. *Caricatura – A imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

HOUAISS, Antônio. 2009. *Míni dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Moderna LTDA.

KOCH, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. 2009. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3 ed. São Paulo: Contexto.

_____. et al. 2008. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 2 ed. São Paulo: Cortez.

MARCONDES Filho, C. *O capital da notícia*. S. Paulo, Ática, 1986. Coleção Ensaios.

MIANI, Rosinaldo Antonio. *A utilização da charge na imprensa sindical na década de 80 e sua influência política ideológica*. Dissertação de mestrado. São Paulo: ECA/USP, 2000.

ROMUALDO, Edson Carlos. 2000. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Editora da Universidade Estadual de Maringá.

ROSSI, C. *O que é jornalismo*. S. Paulo, Brasiliense, 9ª ed. S. Paulo, Brasiliense, 1991. Coleção Primeiros Passos, 15.

Endereços eletrônicos:

ANGELI – *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Angeli>. Acesso em: 08/03/2011.

BENETT – *Chargista Benett lança primeiro livro de tiras de humor – Caderno G – Gazeta do Povo* – Página 1 e 2 – 23/10/2007. Disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=706862>. Acesso em 09/03/2011.

DIAGRAMA: *Leitor da Folha* – 11/11/2007. Disponível em <http://nupejor.blogspot.com/2007/11/leitor-da-folha.html>. Acesso em: 08/03/2011.

FOLHA DE S.PAULO – *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Folha_de_S._Paulo. Acesso em: 08/03/2011.

FOLHA ONLINE – *Folha 80 anos – Quem é o Leitor*. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/quem_e_o_leitor.shtml. Acesso em 08/03/2011.

FOLHA ONLINE – Ilustrada – *Termos charge e caricatura têm interpretações distintas na história* – 22/08/2004 – Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u46871.shtml>. Acesso em: 09/03/2011.

JEAN GALVÃO – *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_Galv%C3%A3o. Acesso em 08/03/2011.

PORTAL IMPRENSA – *IVC aponta circulação dos vinte maiores jornais do Brasil em 2009* – 03/02/2010. Disponível em <http://portalimprensa.uol.com.br/portal/ultimasnoticias/2010/02/03/imprensa33560.s...> Acesso em 13/03/2011.

Fonte Documental:

Folha de S.Paulo, 22 de março de 2010.

Folha de S.Paulo, 30 de abril de 2010.

Folha de S.Paulo, 12 de maio de 2010.

Folha de S.Paulo, 15 de maio de 2010.

Folha de S.Paulo, 17 de maio de 2010.

Folha de S.Paulo, 18 de maio de 2010.

Folha de S.Paulo, 20 de maio de 2010.

ANEXOS

FERNANDO DE BARROS E SILVA

Mandela no liquidificador

SÃO PAULO - Lula comparou Dilma Rousseff a Nelson Mandela no programa de TV do PT, anteontem à noite. É um disparate. A comparação entre o próprio Lula e Jesus Cristo, de que ele tanto gosta, soa menos extravagante. Ou, para falar em lulês: Dentinho pode fazer um gol extraordinário, um gol de Pelé. Continuará sendo Dentinho...

Mandela e Dilma participaram nos anos 60 de grupos adeptos da luta armada em seus respectivos países — num caso contra o governo racista, no outro contra a ditadura. Ambos foram presos políticos. Fim das “coincidências”. Mandela já era uma liderança contra o apartheid na África do Sul quando foi detido. Permaneceu quase três décadas na cadeia e saiu de lá para se consagrar como um dos mitos do século 20.

Ou, como disse Lula na TV: “O tempo passou e o que aconteceu? Mandela virou um dos maiores símbolos da paz e da união no mundo”. E, no caso de Dilma, o tempo passou e o que aconteceu? Nada. Pelo menos nada que merecesse registro histórico até que Lula a reti-

rasse do anonimato para inventá-la como candidata. Tudo isso a partir de 2006, depois que os nomes até então cotados no PT foram inviabilizados numa nuvem de escândalos.

Aproximar as biografias de Dilma e Mandela é mais ou menos como colocar no site oficial da candidata a foto de Norma Bengell durante a Passeata dos Cem Mil. A imagem induz quem olha a achar que aquela é a petista, e não a atriz. Inventar-se, assim, uma Dilma fictícia.

Disso Paulo Maluf entende. Sempre que é cobrado sobre Celso Pitta, ele jura que também se decepcionou muito com o afilhado. Mas faz questão de repetir o conselho que teria dado quando escolheu um sucessor negro: “Falei nos olhos do Pitta: se você for um bom prefeito, vai se eleger governador de São Paulo. Se for governador, vai se tornar o Nelson Mandela brasileiro”.

Lula, é claro, não é Paulo Maluf. E Dilma, é óbvio, é bem diferente de Celso Pitta. E o leitor já deve estar perguntando o que é que Nelson Mandela tem a ver com tudo isso.

A dose do remédio

BRASÍLIA - Quando José Dirceu, Antonio Palocci e tantos outros petistas ilustres foram alijados da linha sucessória de Lula, vários nomes surgiram para tentar preencher esse vácuo político.

Dilma Rousseff foi uma das opções. Havia outros petistas no páreo. Jaques Wagner, Marta Suplicy, Patrus Ananias e Tarso Genro eram alguns deles. Mas Lula preferiu escolher mesmo sua ex-ministra de Minas e Energia.

No programa partidário do PT nesta semana, o presidente apareceu enaltecendo sua candidata. Comparou-a a Nelson Mandela. Num dos trechos, deu a entender que deve quase tudo a Dilma: “Ela simplesmente foi exuberante na coordenação do meu governo. Eu digo, sem medo de errar: grande parte do sucesso do governo está na capacidade de coordenação da companheira Dilma Rousseff”.

Trata-se de uma interpretação elástica da história. Tivesse sido outro o escolhido para ser o candidato a presidente pelo PT, a frase de Lula

poderia ter sido assim: “Eu digo, sem medo de errar: grande parte do sucesso do governo está na capacidade de coordenação do companheiro Patrus Ananias”. Surgiriam então imagens dos milhões de beneficiados pelo Bolsa Família.

Discurso eleitoral é assim mesmo. Não há surpresa no exagero dos partidos ao venderem seus candidatos, todos perfeitos.

No caso da estratégia do PT, o remédio está sendo usado em doses cavalares. O lulismo foi inoculado em grau máximo na biografia de Dilma Rousseff no programa de TV da quinta-feira. Essa nova interpretação do papel da petista nos últimos sete anos ao lado de Lula é considerada vital para haver chance de sucesso em outubro.

Há um risco. Remédio em dose muito elevada transforma-se em veneno. Mata o paciente. Os adversários do PT contam com essa calibragem exagerada de Lula. Na quinta-feira, na TV, o uso do medicamento aproximou-se do limite.

fernando.rodriques@grupofolha.com.br

